

História do Incêndio e da Reconstrução da Igreja de Canterbury (1185)¹

Gervase de Canterbury²

Tradução: Ana Carolina Azevedo

Revisão e notas de rodapé: Rafael Machado Costa

1. A conflagração. No ano de mil cento e setenta e quatro depois de Cristo, a partir do justo, porém oculto, julgamento de Deus, a igreja de Cristo em Canterbury foi consumida pelo fogo, no quadragésimo quarto ano de sua dedicação [1130], aquele glorioso coro, para testemunhar, que tinha sido tão magnificamente completado pelos cuidados e pela indústria do Prior Conrad³.

Agora, a maneira de queima e reparo foi a seguinte. No que foi dito anterior, no quinto dia de Setembro, mais ou menos pela Hora Nona [5 de Setembro, 1774, entre as 3 e 4 da tarde] e durante um extraordinariamente violento vento sulista, um incêndio teve início à frente do portão da igreja, e do lado de fora das paredes do monastério, por onde três chalés foram semi-destruídos. Daí por diante, enquanto os cidadãos tentavam conter e diminuir o fogo, cinzas e fagulhas que foram carregadas pelo vento forte acabaram sendo depositadas na igreja, e tendo sido levadas pela fúria do vento entre as intersecções de chumbo, ficaram por ali entre as placas de madeira quase podres, e luzindo brevemente com cada vez mais calor, começou um incêndio nas vigas de madeira do teto da igreja; partindo daí, o fogo se alastrou para as

¹ Traduzido a partir de CANTERBURY, Gervase of. History of the burning and repair of the Church of Canterbury. In: HOLT, Elizabeth. *A documentary history of art*, volume I: The Middle Ages and the Renaissance. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1981. p. 52-61.

² Também citado como Gervasus Cantuariensis ou Geervasius Dorobornensis (c. 1141-c. 1210), era um monge da Igreja de Canterbury. Recebeu sua ordenação de São Thomas de Canterbury (ver *nota 19*) e foi um dos monges que sepultou o santo após sua morte. Possivelmente era irmão de Thomas de Maidstone, de uma família proveniente do Condado de Kent.

³ Conrad (?-1127). Antigo Prior de Canterbury, responsável por obras na antiga igreja que foi consumida pelo incêndio da qual a narrativa de Gervase trata.

vigas maiores e suas mãos francesas⁴, sem ser notado ou contido por ninguém. Pois o teto muito bem pintado, logo abaixo, e as tiras de chumbo que lhe cobriam, escondia entre eles o fogo que havia começado lá dentro.

Enquanto isso, os três chalés, de onde o desfortúnio tinha começado, estavam sendo destruídas, e a excitação popular estava sendo contida, então todos foram para suas casas, ao passo de que a igreja negligenciada estava sendo consumida pelo incêndio interno ao qual todos ignoravam. Vigas e mãos francesas queimavam, e as chamas subiram até as inclinações do teto; e as tiras de chumbo abriam espaço para o crescente calor e começaram a derreter. Então, o vento atroz, encontrando uma passagem mais livre, aumentou a fúria do fogo; e as flamas começaram a se mostrar e um grito foi ouvido no pátio da igreja: “Olhe! Olhe! A igreja está pegando fogo.”

As pessoas e os monges juntam-se rapidamente, jogam água, brandem suas machadinhas, sobem as escadas, cheios de pressa de salvar logo a igreja, oh! está além da sua capacidade de ajudar. Mas quando eles chegam ao telhado e percebem a fumaça preta e as chamas cáusticas que lhe permeiam por dentro e por fora, abandonam sua tentativa em desespero, e, pensando apenas em sua própria segurança, apressam-se em descer.

E, agora que o fogo fez cederem as vigas das cavilhas que lhes mantinham juntas, os pedaços semi-queimados de madeira caíam no coro da igreja, abaixo dos assentos dos monges; os assentos, consistindo de uma grande peça de madeira, pegaram fogo, e com isso o dano foi de mal a pior. E foi maravilhoso, embora triste, contemplar o modo com que aquele glorioso coro alimentava e ajudava o fogo que lhe destruía. Pois as chamas se multiplicavam por causa dos pedaços de madeira, e cresciam, subindo tanto quanto 46 centímetros⁵, chamuscando e queimando as paredes, e, mais especialmente, estragavam as colunas da igreja.

Agora, as pessoas corriam em direção aos ornamentos da igreja, e começavam a derrubar os pálios e as cortinas, alguns para salvá-los, porém outros o faziam para roubá-los. Os relicários foram jogados das vigas mais altas e, portanto, haviam se quebrado, e seu conteúdo havia se espalhado pelo

⁴ Estrutura composta de duas hastes — ou três, no formato de um triângulo — tendo seu vértice formando da convergência de extremidades de ambas em um ângulo de 90° utilizada como dispositivo de sustentação.

⁵ Ca. 25 pés. [Nota da edição original]

chão; mas os monges coletaram os itens e preservaram-nos do fogo cuidadosamente. Houvera alguns que, inflamados de uma assustadora e diabólica ganância, não tiveram medo de apropriarem-se de coisas da igreja, coisas que haviam resgatado do incêndio.

Dessa maneira, a casa de Deus, até então deleitosa como um paraíso de prazeres, havia virado uma pilha desprezível de cinzas, reduzida a um deserto sombrio, e deixada aberta a todos os estragos climáticos.

As pessoas se chocaram com o fato de que algo Todo-Poderoso deveria sofrer de tal modo, e, enraivecidas com o excesso de tristeza e perplexidade, arrancaram seus cabelos e bateram nas paredes e na calçada da igreja com suas cabeças e mãos, blasfemando contra Deus e Seus santos, os patronos da igreja; e muitos, tanto monges quanto aqueles alheios ao clero, prefeririam ter dado suas vidas para que a igreja não tivesse percebido tão miseravelmente.

Pois não somente o coro havia sido consumido pelo incêndio, mas também a enfermaria, com a capela de St. Mary, e muitos outros escritórios no pátio; além disso, muitos ornamentos e objetos da igreja haviam sido reduzidos a cinzas.

2. As Operações no Primeiro Ano. Reflitais vós agora quão grandiosa tristeza oprimia os corações dos filhos da Igreja sob esse enorme tormento; eu verdadeiramente acredito que as aflições de Canterbury não foram nada menores do que aquelas da antiga Jerusalém, e seus lamentos foram como os de Jeremias; sua dor e angústia são algo inconcebível para a mente, inexpressível em palavras e intransmissível por texto. Certamente poderiam aliviar suas misérias com um pouco de consolo, e eles montaram, tão bem quanto poderiam, um altar e uma estação em uma nave da igreja, onde poderiam lamentar-se e queixar-se, ao invés de cantar, os serviços diurnos e noturnos. Enquanto isso, os santos patronos da igreja, St. Dunstan⁶ e St.

⁶ Dunstan (c. 909-988), filho de um nobre de Wessex e sobrinho do Bispo Athelm (?-926) de Wells e Winchester e, posteriormente, Arcebispo de Canterbury. Foi abade da Abadia de Glastonbury, Bispo de Worcester, Bispo de Londres e Arcebispo de Canterbury. Estudou com monges irlandeses nas ruínas da Abadia de Glastonbury, onde demonstrou ter grande perícia como artesão, e acabou convidado por seu tio para servi-lo em Canterbury, o que lhe valeu uma indicação para serviços na corte do Rei Athelstan (c. 893-939, r. 924-929). Após Dunstan se tornar um dos favoritos do rei, foi vítima de um complô que o acusou de práticas de magia negra. Depois de ser expulso da corte, Dunstan foi espancado e arremessado em uma fossa por seus inimigos. De volta a Canterbury, Dunstan recusou os conselhos de seu tio para que se

Elfege⁷, tinham seus lugares de descanso naquele ermo. Com medo de que, portanto, eles poderiam sofrer mesmo a menor das injúrias das chuvas e tempestades, os monges, choramingando e lamentando com incrível tristeza e angústia, abriram as tumbas dos santos e livraram o coro de seus corpos em caixões, mas com muita dificuldade e trabalho, como se os santos em pessoa estivessem resistindo à mudança.

Eles livraram-se dos santos do modo mais decente que puderam no altar da Santa Cruz, na nave. Desse modo, como as crianças de Israel haviam sido expulsas da terra prometida, sim, mesmo de um paraíso de deleite, é que seria como as pessoas, como padres, e que as pedras do santuário pudessem ser derramadas às esquinas das ruas; então os confrades permaneceram em tristeza e pesar por cinco anos na nave da igreja, separados das pessoas apenas por uma parede baixa.

Durante esse tempo, a irmandade procurou conselhos de como e de que maneira a igreja queimada poderia ser restaurada, mas sem qualquer sucesso; pois as colunas da igreja, chamadas comumente de *pilares*, estavam por demais enfraquecidas pelo calor do fogo, e estavam escamando em pedaços e

tornasse um monge, pois não lhe parecia agradável o celibato, e logo em seguida foi vítima de uma série de tumores na pele que o fizeram acreditar ter contraído lepra. A doença, provavelmente uma contaminação de seu mergulho na fossa, foi entendida como um sinal divino para que se tornasse monge, o que ocorreu em 943, então voltou a Glastonbury e assumiu uma vida de monge artesão eremita. Diz o folclore que passava seu tempo, tocando harpa e estudando e trabalhando na forja. A lenda diz que nesse período o Diabo apareceu para Dunstan na forma de uma mulher para seduzi-lo, mas que o monge conseguiu resistir ao demônio agarrando-o pelo nariz com seu alicate de ferreiro, retirado em brasa diretamente da forja, e o expulsou. Após turbulências políticas e religiosas ocasionadas por uma série alternâncias no trono, Dunstan foi à Roma em 960 e, ao retornar, recuperou seu prestígio e acabou nomeado Bispo de Londres e de Worcester e apoiou o Rei Edgar (c. 943-975, r. 959-955) em sua proposta de reforma religiosa. Com a morte de Edgar, os nobres passaram a atacar os membros do clero iniciando uma guerra civil. O filho de Edward, Edward II (ou Eadweard), O Mártir, (c. 962-978, r. 975-978), foi logo após assassinado, e o trono passou para Æthelred II, O Irresoluto, (c. 968-1016, r. 978-1013 e 1014-1016), e Dunstan voltou para Canterbury sem ter mais influência na corte. Tomou parte no traslado das relíquias do Rei Eadwaerd II e passou o resto de sua vida construindo escolas, bibliotecas, incentivando a vinda de estudiosos europeus para a Inglaterra e dando aulas para jovens na escola da igreja. Em 988 afirmou ter visto anjos e morreu três dias depois, sendo canonizado em 1029.

⁷ Ælfheah, também conhecido como Alphege, Elphege e Alfege, (954-1012). Monge anacoreta eleito Abade da Abadia de Bath, Bispo de Winchester e Arcebispo de Canterbury. Incentivador dos cultos a Swithun (?-c. 862), Æthelwold de Winchester (c. 904-984) e São Dunstan (ver *nota 6*). Também promoveu a construção de um órgão imenso para a Catedral de Winchester que podia ser ouvido a uma distância de mil e seiscentos metros e necessitava de vinte e quatro homens para pô-lo em funcionamento, levou a cabeça de Swithun para Canterbury como relíquia e incumbiu Adelardo de compor a *Vida de Dunstan*. Capturado por vikings dinamarqueses, acabou assassinado por eles quando foi negado um pagamento por seu resgate. Conta-se que foi a ele que Thomas Becket orou na iminência de ser assassinado (ver *nota 19*).

difícilmente eram capazes de suster-se, e desse modo, deixavam mesmo os carecas de cabelos em pé.

Então, pirotécnicos franceses e ingleses foram chamados, mas mesmo suas opiniões diferiam umas das outras. Por um lado, alguns empreenderam a reparação das colunas mencionadas sem qualquer dano às paredes acima delas. Por outro lado, houve alguns que afirmavam que a igreja inteira deveria ser derrubada, se era do interesse dos monges viverem em segurança. Esta opinião, verdadeira como tal, destruía os corações dos monges, e sem dúvida alguma disso, pois como poderiam eles esperar que um trabalho tão grande pudesse se completar, em seus dias, por qualquer inventividade humana.

No entanto, entre os outros trabalhadores, havia vindo certo William⁸ de Sens,⁹ um homem ativo e de prontidão, e como um operário, hábil em trabalhar tanto com madeiras quanto com pedras. Este, portanto, eles mantiveram, por causa de seu gênio alegre e sua boa reputação, e dispensaram os outros. E a ele, e à providência de Deus, a execução do trabalho foi comissionada.

E ele, residindo por muitos dias com os monges, e cuidadosamente estudando as paredes queimadas em suas partes superiores e inferiores, por dentro e por fora, ainda assim manteve para si mesmo por certo tempo o que achava necessário ser feito, com receio de que a verdade haveria de matá-los em seu presente estado de covardia.

Mas ele deu início ao preparo das coisas necessárias para o trabalho, tanto dele quanto dos outros. E quando ele descobriu que os monges começaram a se sentir confortáveis, ele se aventurou a confessar que os pilares arrancados no incêndio e tudo aquilo que apoiavam devia ser destruído se os monges desejam ter uma construção excelente e segura. Por fim eles concordaram, tendo sido convencidos pela razão e desejando que o trabalho fosse tão bom quanto o prometido, e acima de tudo desejando viver em

⁸ Pouco se sabe a respeito de William de Sens além de que ele era francês. Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879) fala a seu respeito em seu texto sobre a Catedral de Canterbury, mas não possui fontes seguras. As informações não confirmadas sobre William tratam de ele ter morrido logo após sua viagem de volta à França e de que, supostamente, foi um dos homens que trabalhou na construção da Igreja de St.-Denis a serviço do Abade Suger (1081-1151).

⁹ Sens é uma consideravelmente grande cidade da França, 135 metros ao sudeste de Paris, na antiga província de Champagne. A ala central de sua catedral, que foi finalizada pelo ano de 1168, tem muitas peculiaridades em comum com o trabalho de Canterbury. [Nota da edição original]

segurança; a partir daí, eles consentiram pacientemente, embora não desejosamente, com a destruição do coro.

E agora ele se dizia para encontrar pedras do fundo do mar. Ele construiu máquinas engenhosas para navios de carregar e descarregar, e para retirar cimento e pedra. Ele entregou moldes de como deveria ser o formato das pedras aos escultores que haviam sido recrutados, e diligentemente preparou outras coisas do tipo. O coro então condenado à destruição foi derrubado, e nada mais foi feito neste ano.

Como o novo trabalho era de um formato diferente do antigo, seria melhor descrever o antigo trabalho primeiro e então o novo. Edmer,¹⁰ o venerável cantor, em seu *Opuscula*, descreve a antiga igreja construída à moda Romana, como o Arcebispo Lanfranc¹¹, quando veio à Santa Sé, completamente destruída, descobriu-a em cinzas. Pois a Catedral de Canterbury sofreu três incêndios registrados; primeiramente, quando o abençoado mártir Elfege foi capturado pelos dinamarqueses e recebeu a coroa de martírio¹²; em segundo lugar, quando Lanfranc, abade de Caen, tomou as diretrizes da igreja de Canterbury; e em terceiro, nos dias do Arcebispo Richard¹³ e Odo de Canterbury. Dessa última conflagração, infelizmente, não havemos lido, mas havemos visto com nossos próprios olhos.¹⁴ [...] Deixando

¹⁰ Eadmer de Canterbury, também conhecido como Edmer (c. 1060-c. 1126). Monge beneditino, teólogo e historiador, discípulo e amigo de Santo Anselmo (c. 1033-1109), escreveu várias obras, algumas legitimando a superioridade de Canterbury sobre York. Foi indicado pelo Papa Urbano II (c. 1042-1099, p. 1088-1099) como Bispo de St. Andrews, embora jamais tenha sido consagrado devido ao não reconhecimento da legitimidade de Canterbury pelos escoceses. Entre suas obras estão *Historia novorum in Anglia*, *Vita Anselm*, *Vita S. Oswaldi*, *Vita Wilfridi Episcopi*, *Breviloquium Vitae Wilfridi*, *Vita S. Odonis* e *Vita S. Dunstani*.

¹¹ Lanfranc do Bec, também conhecido como Lanfranc of Canterbury e Lanfranc de Pavie (c. 1005-1089). Nascido na Lombardia, foi um teólogo partidário da *Teoria da Transubstanciação* e rival teórico de Berenger de Tours (c. 998-1088). Prior da Abadia de Bec por volta de 1045, tornou-se professor de Anselmo de Baggio, o Papa Alexandre II, (1015-1073, p. 1061-1073), de Anselmo de Canterbury (1033-1109) e de Yves de Chartres. Ocupou o cargo de Abade de Saint-Étienne de Caen a partir de 1063 e, em 1070, o de Arcebispo de Canterbury.

¹² A Catedral de Canterbury foi incendiada pelos vikings durante a captura de Elfege (ver *nota 7*).

¹³ Richard de Dover (?-1184). Monge beneditino e Prior de Dover que substituiu Thomas Becket como Arcebispo de Canterbury após sua morte e a abdicação de Roger de Bailleul (?-1179) de assumir o cargo após uma disputa litigiosa por ele. Promoveu o sepultamento de Becket na Catedral de Canterbury e, como arcebispo, esteve em disputa com Roger de Pont L'Évêque (c. 1115-1181), o Arcebispo de York, por maior influência política na Inglaterra.

¹⁴ Aqui, Gervase insere a descrição de Edmer da antiga igreja, que podem ser encontrados na tradução de Willis, *op. Cit.*, p. 9-16 (capítulo 1, artigo 15). A descrição de Gervase da Igreja de Lanfranc e do Coro de Conrad (capítulos 3 e 4, respectivamente), traduzidos em *ibid.*, p. 37 ff., também foram omitidos aqui. [Nota da edição original]

de lado, portanto, tudo que não é absolutamente necessário, deixemo-nos preparar corajosamente para a destruição desta antiga obra e para a maravilhosa construção da nova, e deixemo-nos ver o que nosso mestre William tem feito no meio-tempo.

5. Operações dos Primeiros Cinco Anos. O mestre começou, como afirmei tão anteriormente, a preparar todas as coisas necessárias para a nova obra, e para a destruição da antiga. Desta maneira, o primeiro ano se foi. No ano seguinte, após o dia de São Bertino¹⁵ (5 de Setembro, 1175), antes do inverno, ele ergueu quatro pilares, isto é, dois em cada lado, e depois do inverno (1176) mais dois foram colocados, de modo que em cada lado houvesse três, acima dos quais e da parede exterior dos corredores ele estruturou arcos convenientes e uma abóboda, ou seja, três *claves* [chaves]¹⁶ de cada lado. Eu coloquei chave para o cibório inteiro, pois a chave colocada no meio tranca e prende as partes que lhe convergem de todos os lados. Com esses trabalhos, o segundo ano foi ocupado.

No terceiro ano (1176/7) ele colocou dois pilares em cada lado, e cada um dos dois extremos foram decorados por ele com colunas de mármore ao seu redor, e porque, naquele lugar, o coro e as cruzes deveriam se encontrar, ele constituiu esses pilares principais. Para tal, tendo adicionado as pedras-

¹⁵ Bertin (c. 615-c. 709). Abade de uma abadia em Saint-Omer, posteriormente conhecida como Saint Bertin Abbey. Por volta do ano de 638, Bertin foi até o território de Morini, no extremo norte da França, na companhia de dois outros religiosos, Mummolin e Ebertram, para auxiliar Santo Omer (?-c. 670), também conhecido como Santo Audomar, na época bispo, a evangelizar os nativos da região que em sua maioria não eram cristãos. A região era pantanosa, com algumas colinas. Conta a história que, em uma dessas elevações, o grupo erigiu uma casa onde vivia quando não estava em pregação. Com o crescimento do grupo de missionários, acrescentado por habitantes locais convertidos, a construção tornou-se pequena e acabou sendo transferida por duas vezes para construções maiores em terras doadas por nobres locais cristãos. Bertin passou a ter sua sabedoria e santidade reconhecida na região, onde chegou a ter mais de cento e cinquenta monges sob sua orientação, que converteram praticamente toda a população local e transformaram a região pantanosa e terras cultiváveis. E, logo após sua morte, passou a ser venerado pelos habitantes locais como santo.

¹⁶ Cada compartimento de uma abóboda foi, depois desse tempo, frequentemente chamado de “severy”. Gervase usa “cibório” nesse sentido e não no sentido que geralmente é usado, como cobertura do altar maior. Chaves (no original: *Clavis and key*) são, na arquitetura medieval, os chefes de uma abóboda nervurada. Ver *Architectural Nomenclature of the Middle Ages* [Nomenclatura da Arquitetura da Idade Média], em *Cambridge Antiquarian Society, No. IX* [Sociedade de Antiquários de Cambridge], de R. Willis, Cambridge, 1844. [Nota da edição original]

chave e a abóboda, ele interseccionou o trifório¹⁷ inferior da grande torre até os ditos pilares, isto é, tão longe quanto a cruz, com muitos colunas de mármore. Acima disso, ele ajustou outro trifório de outros materiais, e também as janelas superiores. E logo depois, três *claves* da grande abóbada, da torre, a saber, tão longe quanto as cruces. Tudo isso eram coisas que pareciam para nós e para todos aqueles que as vissem, incomparáveis e muito meritórias de elogio. E em tão glorioso início nós regozijávamo-nos e concebíamos boas esperanças para o fim, e sustentamos o aceleração do trabalho com diligência e espírito. Assim foi o ocupado o terceiro ano e o começo do quarto.

No verão (1178), começando da cruz, ele ergueu dez pilares, isto é, cinco de cada lado. Dos quais, os primeiros dois foram ornamentados com colunas de mármore para corresponder com as primeiras, as principais. Em cima dessas dez ele colocou os arcos e abóbodas. E tendo, em seguida, completado em ambos os lados os trifórios e janelas superiores, ele estava, no começo do quinto ano, no ato de preparar com máquinas para o torneamento da grande abóboda, quando de repente as vigas cederam abaixo de seus pés, e ele veio por cair ao chão, pedras e vigas acompanhando sua descida de, digamos, 15 metros. Assim, profundamente machucado pelas golpeadas das vigas e pedras, ele foi considerado incapaz tanto para si mesmo quanto para o trabalho, mas ninguém além dele ficou nem um pouco ferido. Contra o mestre estava apenas a vingança de Deus ou direcionado a ele estava o ódio do diabo.

O mestre, ainda que machucado, permaneceu em sua cama por algum tempo sob cuidados médicos em espera de recuperação, porém foi enganado em tal esperança, pois sua saúde não mudou. Ainda assim, enquanto o inverno se aproximava, e como era necessário terminar a abóboda superior, ele passou as rédeas do trabalho a certo monge engenhoso e laborioso, que era o supervisor dos pedreiros; uma nomeação à face da qual muita inveja e malícia surgiu, porque fizera este jovem homem parecer mais hábil do que homens mais ricos e poderosos do que ele. Mas o mestre, reclinando-se em sua cama, comandou todas as coisas que deveriam ser feitas em ordem. E então o cibório foi completado entre os principais quatro pilares. Na pedra-chave desse cibório

¹⁷ O trifório é a galeria de clerestório. [Nota da edição original]

o coro e cruzeiros pareciam como se fossem se encontrar. Dois cibórios¹⁸ de cada lado haviam sido formados antes do inverno; quando as intensas chuvas pausaram o trabalho. Em meio a essas operações, o quarto ano foi ocupado e o quinto foi iniciado. Mas no oitavo dia do dito quarto ano, em meados de Setembro, aconteceu uma eclipse do sol mais ou menos à Hora Sexta, antes do acidente do mestre.

E o mestre, percebendo que não recebia nenhum benefício dos médicos, abandonou o trabalho, e cruzando os mares retornou ao seu lar na França. E outro lhe sucedeu na liderança do trabalho; William por nome, inglês por nacionalidade, pequeno em tamanho, mas honesto e excelente em vários tipos de habilidades laboriosas. No verão do quinto ano (1179) ele terminou a cruz de cada lado, isto é, o sul e o norte, e virou o cibório, que fica acima do grande Altar, que as chuvas dos anos anteriores haviam impossibilitado, embora tudo estivesse preparado. Além disso, ele pôs a base para a expansão da igreja na parte Leste, porque uma capela de São Thomas¹⁹ haveria de ser construída lá.

Pois este era o lugar que havia lhe sido comissionado; especialmente a capela da Santa Trindade, onde ele celebrou sua primeira missa, onde ele era costumado a prostrar-se em lágrimas e preces, debaixo de cuja cripta por tantos anos ele estivera enterrado, onde Deus por seus méritos havia realizado

¹⁸ A saber, os arcos dos transeptos do leste. [Nota da edição original]

¹⁹ Thomas Becket (c. 1118-1170), também conhecido como Thomas à Becket, Thomas of London e Saint Thomas of Canterbury. Filho de um baixo cavaleiro de origem normanda, Becket recebeu uma requintada educação no Priorado de Merton e, posteriormente, em Bolonha, Auxerre e Paris, e era um frequentador da casa de Richer de L'aigle, que era amigo de seu pai. Tornou-se então auxiliar do Arcebispo Teobald de Canterbury e, por indicação deste, ocupou uma série de cargos relevantes, incluindo o de chanceler junto ao rei Henry II (1133-1189, r. 1154-1170 e 1183-1189). Becket tornou-se homem de confiança do rei, criando até mesmo desconfortos com seus colegas religiosos e assumiu a criação e educação do Príncipe Henry, O Jovem, (1155-1183, r. 1170-1183). Em 1162 foi nomeado por Henry II como Arcebispo de Canterbury em um plano do rei para colocar um vassalo fiel em uma posição de controle dentro do clero na esperança de diminuir a independência da Igreja. Talvez devido às pretensões absolutistas de Henry II, que subjugavam e limitavam a Igreja, Becket passou a defender a posição do clero contra o rei, abandonando seu cargo de Chanceler e retendo todas as rendas de Canterbury para si. O que gerou um processo legal que fez com que Becket fugisse para a França sob a proteção de Louis VII (1120-1180, r. 1137-1180). Quando Roma pareceu se posicionar contra Henry II, ele renunciou à coroa em nome de seu filho Henry, O Jovem, que foi coroado pelo Bispo de York. Becket ficou furioso, mas aceitou uma reconciliação sob a condição de poder re-coroar o príncipe. Ao retornar, Becket excomungou os bispos que participaram da primeira coroação de Henry, O Jovem, e, ao saber do ocorrido, Henry II teria pronunciado palavras contra Becket. A partir desta manifestação do rei, os cavaleiros Richard le Breton, Reginald Fitzurse, Hugh de Moreville e William de Traci assassinaram Becket em Canterbury. Em 1173 Becket foi canonizado pelo Papa Alexandre II (c. 1100-1181, p. 1159-1181).

tantos milagres, onde pobres e ricos, reis e príncipes teriam Ihe adorado, e donde o som de suas venerações teriam ido adiante por todas as terras.

O mestre William começou, por conta dessas bases, a cavar no cemitério dos monges, donde ele foi obrigado a perturbar os ossos de muitos monges sagrados. Estes foram cuidadosamente coletados e depositados numa larga vala, naquele canto que fica entre a capela e o lado Sul da enfermaria. Tendo, portanto, formado uma base substancial com pedra e cimento para a parede exterior, ele ergueu a parede da cripta tão alto quanto as bases das janelas.

Assim foi empregado o quinto ano e o início do sexto. [...]

7. As Operações Restantes do Sexto Ano. Nosso artesão tinha erguido quatro altares fora do coro, onde os corpos dos arcebispos sagrados foram depositados como eram antigamente. [...]

Além disso, no mesmo verão, isto é, no sexto ano (1180), a parede de fora da capela de São Thomas, iniciada antes do inverno, foi erguida tão alto quanto a virada da abóbada. Mas o mestre tinha começado uma torre na parte Leste fora do circuito da parede, cuja abóbada mais inferior fora completada antes do inverno.

A capela da Santa Trindade mencionada acima foi então nivelada ao chão; isto teria permanecido até este ponto intocado, por respeito a São Thomas, que estava enterrado na cripta. Mas os santos que repousavam na parte superior da capela foram levados para outro lugar, e a fim de que não se perca a memória do que foi feito então, eu irei relatar mais ou menos sobre. No oitavo décimo quinto dia de Julho o altar da Santa Trindade foi quebrado, e de seus materiais o altar do Apóstolo São João foi feito; eu mencionei isso com medo de que a história da pedra sagrada fosse perdida. [...]

8. Explicações. Foi citado acima, que após o incêndio quase todas as porções antigas do coro foram destruídas e transformadas em outras de certo modo novas e de uma maneira mais nobre. As diferenças entre os dois trabalhos serão agora enumeradas. Os pilares dos trabalhos antigo e novo são similares em formato e grossura, mas diferentes em comprimento, pois os novos pilares foram alongados em 3,6 metros. Nos antigos capitéis o trabalho

era simples, e nos novos era requintado em escultura. O circuito do coro tinha vinte e dois pilares então, e vinte e oito depois. Os arcos e tudo o mais eram simples então, ou moldados com um machado e não com um cinzel. Mas depois, quase tudo era propriamente esculpido. Não havia nenhuma coluna de mármore então, mas depois houve incontáveis. Antes, no circuito em volta do coro, as abóbadas eram simples, mas depois ficaram cheias de arcos e de pedras-chave. Antes uma parede colocada em cima dos pilares dividia as cruzes do coro, mas depois as cruzes não eram separadas do coro por nada, e convergiam em uma pedra-chave, que se posiciona no meio da grande abóbada que descansa nos quatro principais pilares. Anteriormente, havia um teto de madeira decorado com belas pinturas, mas após a reforma houve uma abóbada lindamente construída de pedra e rocha vulcânica leve. No então, havia apenas um trifório, mas no seguinte havia dois no coro e um terceiro no corredor da igreja. E todos esses seriam mais bem entendidos se vistos e não descritos.

Deve ser entendido, porém, que o novo trabalho é mais alto do que o antigo tanto pelas janelas superiores do corpo do coro, quanto por seus corredores, que estão erguidos acima de uma mesa de mármore.

E como talvez se torne duvidoso, em tempos futuros, por que a largura que foi dada ao coro próximo à torre deveria ser tão contraída na frente da igreja, não será inútil explicar as causas para tanto. Uma razão é de que, no circuito de cada lado da antiga igreja, não seria possível que a largura do coro procedesse numa linha reta. Outra razão é que fora de concordância, e necessário, que a capela de São Thomas deveria ser erguida à frente da igreja, onde a capela da Santa Trindade estava, e esta era muito mais estreita do que o coro.

O mestre, portanto, decidindo não derrubar as ditas torres, e incapaz de movê-las, começou a largura do coro numa linha reta, tão longa quanto o começo das torres (I... IX). Então, retrocedendo ligeiramente em cada lado das torres e preservando tanto quanto poderia a largura da passagem de fora do coro por causa das procissões que eram frequentes ali, ele gradualmente e obliquamente desenhava em seu trabalho, de modo que no lado oposto do altar (IX), poderia começar a contrair, e daí, no terceiro pilar (XI), deveria ser estreitado para coincidir com a largura da capela, que fora nomeada da Santa

Trindade. Além desses, quatro pilares (XII, XIII) foram colocados nos lados da mesma distância que os últimos, mas de uma forma diferente; e além desses outros quatro (XIV, XV) foram arranjados num círculo, e em cima desses o trabalho sobreposto (de cada lado) foi juntado e terminado. Este é o arranjo dos pilares.

A parede de fora, que se estende das torres já mencionadas, primeiramente procede numa linha reta, e então se rebaixa numa curva, e assim na redonda torre a parede de cada lado se encontra numa só, e ali acaba. Tudo isso seria mais clara e prazerosamente visto pelos olhos do que ensinado por escrito. Mas esse tanto fora dito e as diferenças entre o antigo e o novo trabalho foram manifestadas.

9. Operações dos Sétimo, Oitavo e Décimo Anos. Agora deixemo-nos cuidadosamente observar quais eram os trabalhos de nossos pedreiros nesse sétimo ano (1181) do incêndio, que, em resumo, incluía a conclusão da nova e bela cripta,²⁰ e acima da cripta as paredes exteriores dos corredores até os seus capitéis de mármore. As janelas, no entanto, o mestre estivera nem desejoso nem capaz de mudar, por causa das chuvas que se aproximavam. Ele nem mesmo ergueu os pilares interiores. Assim se concluiu o sétimo ano, e o oitavo começou.

²⁰ A saber, a cripta da capela de São Thomas, agora chamada pelo seu nome antigo de Capela da Trindade. [Nota da edição original]